

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MISSÃO INGLESA DE ESCAVAÇÕES NUM "CASTRO" DO NORTE DE PORTUGAL (3 A 11 DE ABRIL DE 1958).

CARDOSO, Mário

Ano: 1958 | Número: 68

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, Missão inglesa de escavações num "castro" do Norte de Portugal (3 a 11 de Abril de 1958). *Revista de Guimarães*, 68 (3-4) Jul.-Dez. 1958, p. 439-453.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Missão inglesa de escavações num «castro» do Norte de Portugal

(3 a 11 de Abril de 1958)

Em começos de 1956 foi-nos apresentada por um estudioso a sugestão e manifesto desejo de que uma brigada de arqueólogos ingleses realizasse uma campanha de escavações em qualquer «castro» do Norte de Portugal, de preferência ainda por explorar, devendo tal missão ser chefiada pelo conhecido cientista Dr. Christopher Hawkes, Professor de Arqueologia Europeia na Universidade de Oxford.

Pareceu-nos aceitável e interessante a sugestão, dado que a Cultura dos nossos «castros» da Idade do Ferro apresenta ainda numerosos problemas em suspenso, e porque também seria útil conhecermos a opinião de um especialista estrangeiro categorizado, não só com vista aos aspectos gerais da investigação arqueológica, e particularmente com relação às questões de cronologia, mas ainda no que diz respeito a métodos e técnica de trabalhos de campo.

Nestes termos, apresentamos à 2.^a Subsecção da 6.^a Secção da Junta Nacional de Educação, na reunião de 16 de Junho de 1956, uma prosposta para a realização da referida campanha no mês de Abril de 1957, sob determinadas condições, das quais destacamos as principais:

- a) Todo o espólio exumado daria entrada num museu português.
- b) A mão de obra seria realizada por operários portugueses.
- c) Tomariam parte nas explorações estudantes universitários portugueses da Cadeira de Arqueologia.

- d) Todas as despesas ficariam a cargo da missão inglesa, excepto as da deslocação e alojamento dos estudantes portugueses.
- e) A duração máxima da campanha seria limitada a um mês.

A nossa proposta foi então aceite e aprovada na referida sessão, e pelo Ex.^{mo} Presidente redigido um «Parecer», que terminava pelas seguintes palavras: «A Inglaterra é, sem dúvida, o país em que, nas últimas décadas, a técnica das pesquisas arqueológicas alcançou maior perfeição; e foi precisamente a escola de Oxford, de que é figura proeminente o Professor Christopher Hawkes, uma das que mais contribuiu para tão notório progresso. Deste modo, é de crer que a exploração de uma estação arqueológica do território português por uma brigada dirigida pelo insigne arqueólogo inglês venha a constituir lição utilíssima para os futuros arqueólogos do nosso País. Porque as condições apresentadas para a execução dos trabalhos se afiguram plenamente aceitáveis, a 2.^a Subsecção da 6.^a Secção da Junta Nacional de Educação é de parecer que se autorize a realização da campanha projectada; e, para que esta decorra com perfeita eficiência, deverá ser incumbido de estabelecer a ligação do Ministério da Educação Nacional com a brigada inglesa o Coronel Sr. Mário Cardozo, que, na qualidade de Vogal da Junta Nacional de Educação, cooperará na escolha da estação e se deslocará ao local sempre que seja necessária a sua presença».

Homologado superiormente este «Parecer» em 20 de Julho do referido ano de 1956, transmitimos em seguida para Oxford, em 3 de Agosto, ao Prof. Hawkes a autorização obtida e demos-lhe integral conhecimento, em versão inglesa destas condições sob as quais a brigada deveria trabalhar no nosso País:

«According to the communication made to the 2.nd Subsection of the 6.th Section of the *Junta Nacional de Educação* by the Delegate Colonel

Mário Cardozo, a group of four english scientists headed by Dr. Chistopher Hawkes, Professor of European Archaeology in the University of Oxford, intend to undertake excavations in one of the « castros » situated in the north of Portugal. The work will last three or four weeks in April 1957, the object being to investigate the origin and chronology of these protohistoric communities and will obey the following conditions :

- a) The employment of the most up-to-date methods of archaeological research.
- b) The use of portuguese labourers.
- c) Admission, as assistants, of the portuguese University students of Archaeology.
- d) All expenses to be met by the english Mission, excepting those of portuguese students.
- e) All findings must be given to the portuguese museums, only the duplicates being reserved by the english Mission.
- f) Publication of the report of the work and the conclusions drawn therefrom in a portuguese journal devoted to such subjects, independent of any writings edited in England.

England is, without doubt, the country in which in recent times the technic of archaeological research has reached the greatest perfection and it is precisely the Oxford school, of which Professor Hawkes is a prominent figure, that has contributed the most to his noteworthy progress. In this way, it is to be hoped that the exploration of an archaeological site in portuguese territory by a group under direction of such a notable english archaeologist will be a very useful lesson to the beginner archaeologists of our country.

As the conditions under which this work will be carried out are quite acceptable to the 2nd Subsection of the 6.th Section of *Junta Nacional de Educação*, it is deemed worth while to authorize the realization of the project contemplated, and so that everything

runs with perfect efficiency, Colonel Mário Cardozo should undertake to form a link between the portuguese Ministry of *Educação Nacional* and the english Group. In his position of Delegate of the *Junta Nacional de Educação*, the Colonel Cardozo will co-operate in the choosing of the site, where he will place himself whenever his presence is thought necessary. »

Em Janeiro de 1957 recebemos uma carta do Prof. Hawkes em que nos pedia para conseguirmos que a autorização dada para as escavações tivesse ainda validade em 1958, visto que, naquele ano de 57, lhe haviam surgido ocupações inadiáveis que não permitiam realizar a sua vinda a Portugal, e também porque lhe levaria ainda certo tempo a conseguir das entidades oficiais inglesas a bolsa de estudo necessária para a deslocação da brigada ao nosso País. Respondemos-lhe naturalmente que não parecia haver inconveniente no adiamento da sua vinda para o ano de 1958, uma vez que as condições estabelecidas com respeito à exploração se mantivessem as mesmas.

Em 25 de Janeiro do corrente ano o Prof. Hawkes escreveu-nos novamente fixando então a exploração para as férias da Páscoa, devendo chegar a Portugal em 31 de Março. Efectivamente em 1 de Abril chegou a brigada a Guimarães, constituída pelo Prof. Hawkes, chefe da missão, pela Dr.^a Miss Iliid Anthony, directora do «Verulamium Museum» de St. Albans, especializada em Arqueologia romana, e pelo estudante de Arqueologia da Universidade de Oxford, Nicolas Hawkes, filho daquele Professor.

Anteriormente à chegada da missão e depois de marcada definitivamente a data do início dos trabalhos, avistamo-nos em Coimbra com o nosso Colega na J. N. E., Sr. Prof. da Universidade de Coimbra Dr. Bairrão Oleiro, e pedimos-lhe que conseguisse que, pelo menos uns três ou quatro dos seus alunos de Arqueologia, entre aqueles que mostrassem melhor aptidão por esta ordem de estudos, viessem a Guimarães tomar parte nas escavações, pois, de todas as condições de trabalho impostas à brigada, era a

da admissão de estudantes portugueses nas explorações uma das que maior interesse despertava, não só pela utilidade que para os nossos escolares adviria desse contacto com os ingleses e seus métodos de trabalho, como até por uma questão de prestígio, visto que da ausência dos estudantes portugueses poderia inferir-se um lamentável desinteresse pelos nossos próprios estudos.

Infelizmente, o Prof. Oleiro estava prestes a partir para uma viagem ao Iraque, e, muito naturalmente, não teve tempo de efectuar as necessárias diligências, a fim de conseguir uma pequena bolsa de estudo que permitisse a deslocação dos seus alunos até Guimarães. Apelei então para o Ex.^{mo} Presidente da Subsecção da J. N. E., que, apesar da sua boa vontade de bem servir a causa e o prestígio da Arqueologia portuguesa e dos esforços a que procedeu junto do Ex.^{mo} Director da Faculdade de Letras de Coimbra, Dr. João da Providência Sousa e Costa, nada pôde fazer por não existir verba disponível para o fim desejado. Foi realmente lamentável esta falta, mas a verdade é que não seria justo obrigar os referidos estudantes a deslocarem-se a Guimarães à sua própria custa.

Na tarde do próprio dia da chegada da brigada a Guimarães acompanhamos os seus componentes às Caldas das Taipas, onde, com a necessária antecedência, lhes havia sido reservado, numa pensão local, aposentos para a sua instalação. Foi escolhida esta povoação, por estar próxima do Castro de Sabroso, por nós preferido para a curta campanha de escavações a realizar. Os motivos que determinaram a escolha deste «castro» foram os seguintes:

- a) O carácter arcaizante destas ruínas, onde o seu primeiro explorador, Doutor Martins Sarmiento, não encontrara provas de ocupação ou simples vestígios de influência romana.
- b) Terem ficado incompletas as escavações ali realizadas em 1878, ou seja há precisamente 80 anos, e sob métodos evidentemente menos precisos e rigorosos do que os actuais.

- c) Facilidade e rapidez de acesso diário, por estrada, e em automóvel, até o alto do monte, o que representava uma vantagem importante, em vista do curto período de tempo de que a brigada podia dispor para os seus trabalhos, tempo este que portanto teria de ser aproveitado ao máximo.
- d) Curta distância de Guimarães a Sabroso, o que facilitava a nossa deslocação, a fim de acompanharmos o decorrer dos trabalhos e prestarmos assistência à missão, como nos fora determinado superiormente.

No dia imediato, 2 de Abril, às 8 horas da manhã, novamente nos dirigimos de Guimarães às Caldas das Taipas, para acompanharmos a brigada ao Castro de Sabroso, que fica a uns 5 quilómetros das Termas, e para apresentar-lhe o pessoal operário, que antecederamente havíamos contratado, constituído por cinco trabalhadores rurais (3 homens e 2 mulheres), ali à nossa espera munidos da ferramenta indispensável e material diverso empregado anualmente nas escavações da Citânia de Briteiros, que ordenamos fosse para ali deslocado e fornecido à brigada. Esse material era constituído por bandeirolas de 2 metros de comprimento graduadas em faixas de 50 centímetros, para a indicação fotográfica das medidas dos sectores escavados, alturas das diversas zonas de estratificação nos cortes de terreno, etc; estacas de meio metro, ganchos com azeite para retenção do fio de marcação dos contornos das áreas de terreno a escavar; pás, picaretas, enxadas, um crivo de terras, carrinhos de mão, açafates e caixotes para a recolha e separação dos objectos achados, uma mesa para a execução de croquis e tomada de apontamentos no local da exploração, e ainda para a colocação de instrumentos, tais como máquinas fotográficas, colheres de pedreiro, escovas, fita métrica, nível, etiquetas de cartolina, etc. Levaram-se também duas umbelas de jardim para abrigo, se bem que no alto do monte exista uma gruta formada de grandes rochas que oferece um abrigo natural bastante amplo.

Infelizmente, nesse primeiro dia não foi possível dar início aos trabalhos, de tal modo estava chuvoso e era desabrido o vento e o temporal no alto do monte. Foram logo dispensados os operários, por se tornar absolutamente impossível trabalharem, mas a brigada ainda lá se manteve algumas horas, apesar do mau tempo, a tomar contacto com a área das ruínas e a escolher os sectores a explorar.

Nos três dias imediatos, 3, 4 e 5 de Abril, ainda com mau tempo, foi contudo feita uma primeira escavação, pois a chuva não era contínua. Todavia, com o solo bastante embebido de água, foi impossível fazer-se a crivagem das terras escavadas, podendo assim ter-se perdido alguns objectos miúdos do espólio recolhido.

Em 6 e 7, domingo e segunda-feira de Páscoa, o tempo melhorou mas não houve trabalhos porque os operários foram forçados a faltar ao serviço, visto, nas aldeias, estes dias serem destinados à visita pascal. Porém, como o tempo se manteve de sol, aproveitaram-se os dois dias para a visita da Missão a outros «castros» e a alguns lugares de interesse arqueológico ou turístico do Norte do País. A Sociedade Martins Sarmento proporcionou-lhes duas magníficas excursões, tendo sido percorridos de automóvel, no domingo, 246 quilómetros, e, na segunda-feira, 258, não contando um bom número de caminhadas a pé, para se atingir o alto dos montes onde os castros visitados se encontram situados. Os itinerários destes passeios de estudo foram os seguintes:

No domingo, dia 6: Caldas da Taipas — CITÂNIA DE BRITEIROS — Sameiro — Braga (visita ao MUSEU do Seminário de Santiago e à Sé Catedral) — Barcelos — CASTRO DO MONTE DA FRANQUEIRA e CASTELO DE FARIA — novamente a Barcelos — Viana do Castelo — CITÂNIA DO MONTE DE SANTA LUZIA — Praias de Esposende, Fão e Ofir — CIVIDADE DE TERROSO — Praia da Póvoa de Varzim — Famalicão — Brito — Taipas: total, 246 quilómetros.

Na segunda-feira, 7: Taipas — Guimarães (visita ao MUSEU ARQUEOLÓGICO da Sociedade Martins Sarmento) — Santo Tirso (visita à COLECÇÃO ARQUEO-

LÓGICA instalada na Câmara Municipal) — CASTRO DO MONTE DO PADRÃO — novamente Santo Tirso — Trofa — CIVIDADE DE BAGUNTE — Praias de Vila do Conde e Póvoa de Varzim — Braga — Estrada do Gerês — Visita à barragem da Caniçada, no Rio Cávado — novamente a Braga — Taipas: total, 258 quilómetros.

No dia 8 recommçaram as explorações, que se prolongaram até o meio-dia de 11, sempre com tempo magnífico. A tarde de 11 foi destinada aos preparativos da partida, pagamento ao pessoal, entrega à Sociedade Martins Sarmento do espólio recolhido nas ruínas, constituído principalmente por cerâmica de vários tipos, e redacção de um relatório sumário dos trabalhos executados, que me foi entregue pelo Professor Hawkes, de harmonia com uma das cláusulas que condicionavam a exploração.

Neste último dia, a Sociedade Martins Sarmento ofereceu um almoço de despedida aos três membros da missão, que seguidamente partiram para o Porto, onde passaram o dia 12, embarcando no domingo, dia 13, de regresso a Inglaterra.

A breve exploração efectuada, que pode dizer-se não passou de uma simples prospecção, abrangeu portanto apenas 6 dias e meio de trabalho, mas, apesar desta curta duração, as pesquisas foram intensamente proveitosas, como se pode concluir do citado Relatório do Prof. Hawkes, cuja versão portuguesa fizemos e passamos a transcrever:

Escavações no Castro de Sabroso

(Abril de 1958)

A brigada britânica à qual as autoridades portuguesas concederam autorização para proceder a explorações arqueológicas num dos «castros» da Idade do Ferro do Norte de Portugal, exerceu a sua actividade no Castro de Sabroso, desde o dia 3 ao dia 11 de Abril.

Este «castro», que as primeiras explorações de Martins Sarmento, iniciadas em 1878, celebrizaram, foi indicado à missão pelo Coronel Mário

Cardozo, encarregado pelas autoridades nacionais de prestar à brigada a indispensável colaboração.

Os trabalhos de Martins Sarmento, que puzeram a descoberto a maior parte da muralha defensiva do Castro, bem como diversas casas circulares situadas no seu interior, deixaram, contudo, alguns pontos por esclarecer.

Conforme acertadamente aponta Mário Cardozo na *Guia* do Castro editada pela Sociedade, demonstrou Martins Sarmento que a construção, bem como a ocupação do Castro revelavam *dois períodos distintos*. Da ausência total de mobiliário, da época romana concluiu igualmente o investigador português, que o segundo destes períodos teria findado, o mais tardar, na ocasião da conquista romana, ou seja nos séculos 11-1 a. de J. C.

Mas, tornava-se necessário destacar o *mobiliário* (I), e muito especialmente o tipo de cerâmica que deveria ser atribuído ao 1.º período da ocupação, e conseqüentemente fixar a idade cronológica que se deveria propor, relativa à construção inicial do Castro.

Ficara igualmente por identificar, nas primeiras escavações, o local onde se encontraria a *porta da entrada* (II) nas muralhas do Castro correspondentes ao 1.º período, durante o qual o circuito das fortificações rodeava apenas o cume da colina de Sabroso. Na ampliação dos muros feita mais tarde, a fim de abraçarem também a encosta do lado sul, obra que teria sido levada a efeito no 2.º período, foi praticado um acesso ao interior do Castro, situado um pouco acima da base daquela encosta, mas com todo o aspecto de uma entrada aberta e franca, e não com as características de uma porta fortificada defensivamente.

Como terceiro problema, apresentava-se-nos a existência de um «*vallum*» de terra, (III) fronteiro à muralha do lado nascente, que se ignorava se seria ou não uma segunda muralha, soterrada, fazendo parte do sistema das fortificações, ou uma simples elevação de terras acumuladas em data relativamente recente.

Da solução destas questões se ocupou em especial a brigada britânica, constituída por três membros

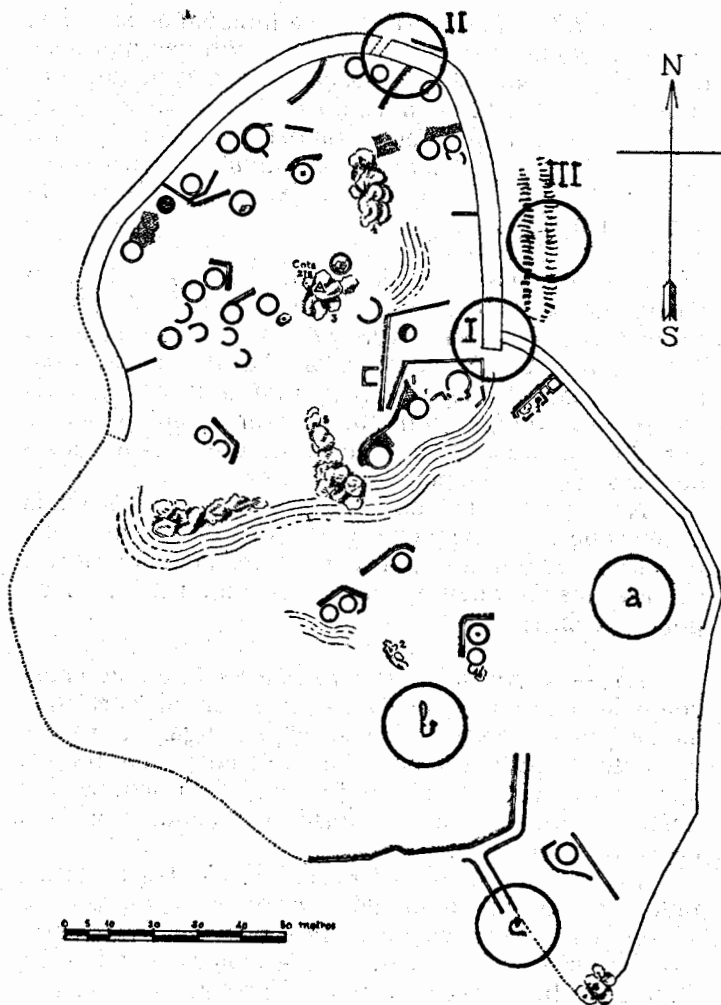
— o Prof. Christopher Hawkes, da Universidade de Oxford, a Dr.^a Ilid Anthony, Directora do «Verulamium Museum» de St. Albans, e Nicolas Hawkes, aluno da Universidade de Oxford.

Os resultados desta breve campanha de escavações foram os seguintes:

1) — *A fortificação original do 1.º período*, constituída pela muralha que rodeava primitivamente o cume do monte foi posta a descoberto num troço dos sectores escavados (após a abertura de uma ampla trincheira em forma de T, praticada imediatamente atrás de um pano da muralha, do lado nascente) associada a uma cerâmica simplesmente *trabalhada à mão*, sem a roda de oleiro, de tradição hallstática, isto é — típica da civilização introduzida na Península pelas invasões célticas dos séculos VII-VI a. de J. C., que podemos admitir tivessem alcançado o actual território do Norte de Portugal por volta dos séculos V-IV. Concluiu-se também da estratigrafia praticada nesta pesquisa que no decurso do 1.º período da ocupação de Sabroso, teve início o emprego do torno de oleiro, bem como o fabrico da cerâmica decorada, posto que ainda rara então.

No 2.º período teve lugar a ampliação do perímetro da fortificação, não somente erguendo-se uma nova muralha para envolver todo o lado sul da colina, mas destruindo mesmo, deste lado, a antiga muralha construída no 1.º período e aplanando o terreno nesse lugar, que depois foi aproveitado para a construção de habitações. Além disso, em todos os sítios onde a muralha inicial sofrera deteriorações, foi reforçada pela face exterior com uma nova capa de pedra, durante o 2.º período, pelos construtores da época.

Posto que a brigada não tenha encontrado cerâmica decorada em abundância, correspondente ao 2.º período, acharam-se contudo bastantes fragmentos de cerâmica feita ao torno de oleiro, podendo afirmar-se que todo o núcleo de cerâmica ornamentada descoberta nas escavações de Sarmento deveria pertencer ao 2.º período, dada a pequena profundidade das escavações então praticadas.



Planta topográfica do castro de Sabroso:

I-II-III—Locais onde a Brigada inglesa de Oxford praticou escavações arqueológicas. Os números em algarismos romanos correspondem às descrições do texto com a mesma numeração.

a, b, c — Locais onde apenas foram praticadas ligeiras prospecções.

Este 2.º período distingue-se também do anterior, como é fácil de verificar, pelo emprego nas muralhas de um aparelho de construção mais cuidado, designado *poligonal*, bem como do chamado aparelho *ciclópico*, constituído por grandes blocos de pedra, semelhante ao da muralha primitiva da Tarragona, construída por Cipião, ou seja, característico do século II a. C.

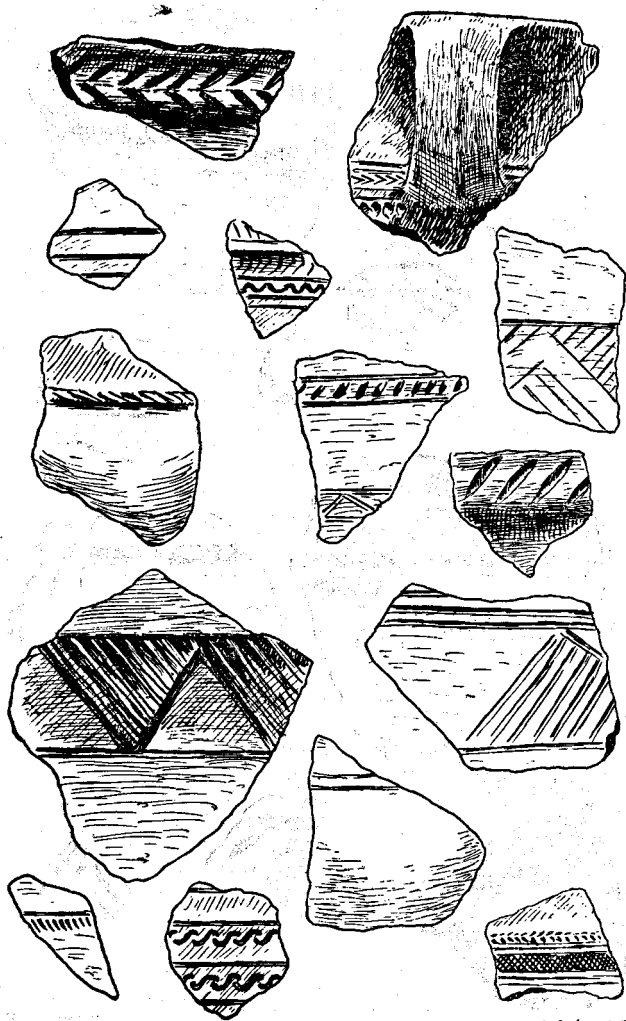
II) — A missão praticou também algumas escavações no lado Nordeste da muralha, onde se encontraram vestígios da *porta primitiva* dos muros do 1.º período. Quando esta porta foi destruída, os construtores do 2.º período ergueram a nova muralha sobre essa antiga entrada, de sorte que pudemos pôr nitidamente à vista a sucessão dos dois aspectos da construção de épocas diferentes.

Na vertente sul da colina, a brigada pôs ainda a descoberto a pequena parte de um muro construído no 2.º período, mas os trabalhos anteriores, de Martins Sarmiento, pouco deixaram deste lado por descobrir.

III) — A *trincheira exterior*, de terra, do lado nascente da muralha, mostrou, através de um corte que ali se praticou, ser de construção antiga. Formava portanto deste lado uma linha suplementar da defesa, visto o relevo natural do terreno, de fraco declive neste ponto, ser menos forte, carecendo por isso deste reforço.

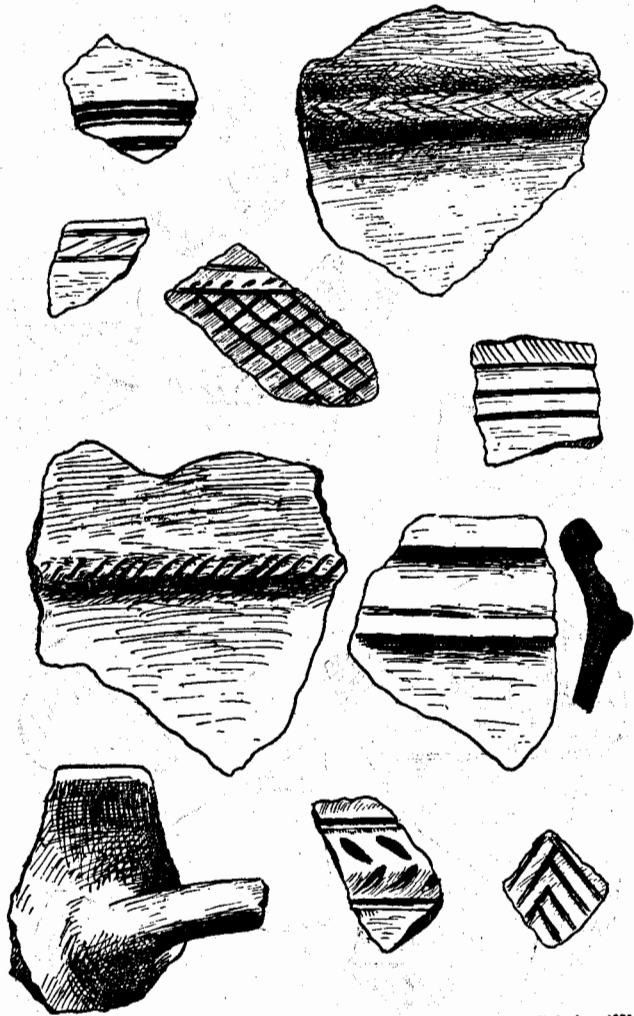
Finalmente, a missão desenhou plantas e cortes, tudo cuidadosamente medido em todos os pontos onde se praticaram escavações. Fez igualmente numerosas fotografias, e a cerâmica encontrada foi toda, depois de bem limpa, classificada tipológica e cronologicamente, tendo Miss Anthony executado muitos desenhos dos fragmentos, medidos com exactidão.

Em conclusão: Estas escavações, apesar de breves, permitiram estabelecer uma divisão da civilização da Idade do Ferro desta região do Norte de Portugal em dois períodos distintos, cada qual caracterizado por seus muros de construção típica e por uma cerâmica também própria de cada um desses



M. Carls 1/53

Cerâmica ornamentada de Sabroso correspondente ao final do 1.º período e ao 2.º período da ocupação do castro.



M. Cardoso 1958

Cerâmica ornamentada de Sabroso correspondente ao final do 1.º período e ao 2.º período da ocupação do castro.

períodos. Cronologicamente podemos integrá-los respectivamente nos séculos IV-III e II-I a. J. C.

O Castro de Sabroso facultou-nos assim, de um modo bem acentuado, os necessários elementos que nos permitiram chegar aos resultados que acabo de expor.

Quanto ao estudo das habitações do interior do recinto fortificado, tornar-se-ia necessário efectuar também pesquisas noutra «castro», visto as casas de Sabroso terem já sido todas exploradas por Martins Sarmento.

De um modo geral, podemos ainda afirmar que as recentes escavações de Sabroso indicaram bem o caminho a seguir para se poder ampliar o conhecimento da Idade do Ferro em Portugal, com o auxílio, claro está, das modernas técnicas de pesquisa arqueológica.

Caldas das Taipas, 12 de Abril de 1958.

(ass.) C. HAWKES.

Eis os resultados dos trabalhos da missão inglesa, em boa hora vinda a Portugal, e que nos esforçamos levasse do nosso País e da maneira como lhes facilitámos as pesquisas a melhor das impressões. Estamos certos de que uma colaboração estreita dos nossos estudiosos com outros investigadores categorizados estrangeiros, muito especialmente espanhóis dadas as grandes afinidades das antigas culturas pré- e proto-históricas de Portugal e de Espanha, seria altamente profícua e vantajosa para o desenvolvimento dos estudos arqueológicos nacionais.

Sociedade Martins Sarmento,
Abril de 1958.

MÁRIO CARDOZO
(Vogal da J. N. E.)

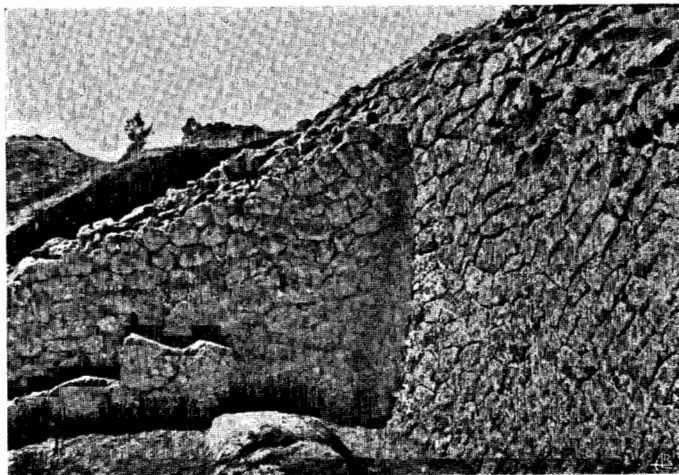


Fig. 1 — O Prof. Hawkes, no alto, à esquerda, trocando impressões sobre os trabalhos com o Coronel Mário Cardozo. Em baixo, o estudante da Univ. de Oxford, Nicolas Hawkes trabalhando na escavação.

Est. II



1



2

Fig. 2—1, *Junção à muralha primitiva (século IV-III), que rodeava apenas o alto da colina, da muralha do 2.º período (séc. II-I), que circundou toda a encosta sul. No primeiro plano, o local da pesquisa efectuada pela brigada inglesa.*

—2, *A mesma união das duas muralhas vista do lado exterior, distinguindo-se no primeiro plano, à direita, o aparelho poligonal.*

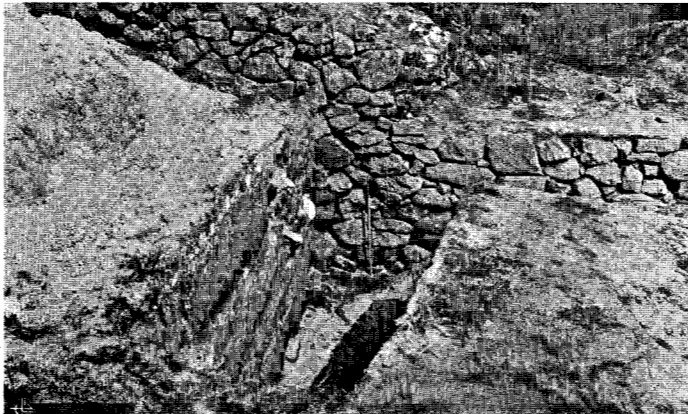
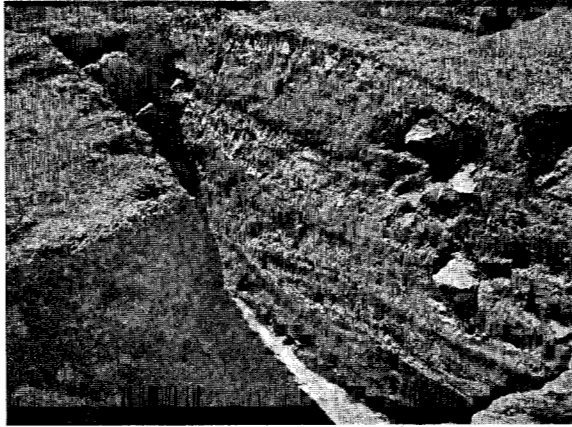


Fig. 3—*Dois aspectos da trincheira em forma de T, de 2 m. de altura, aberta no lado interior junto à muralha voltada a Nascente. No corte praticado no terreno distingue-se bem, na gravura superior, a sobreposição dos diversos estratos, de terra vegetal e saibro.*

Est. IV

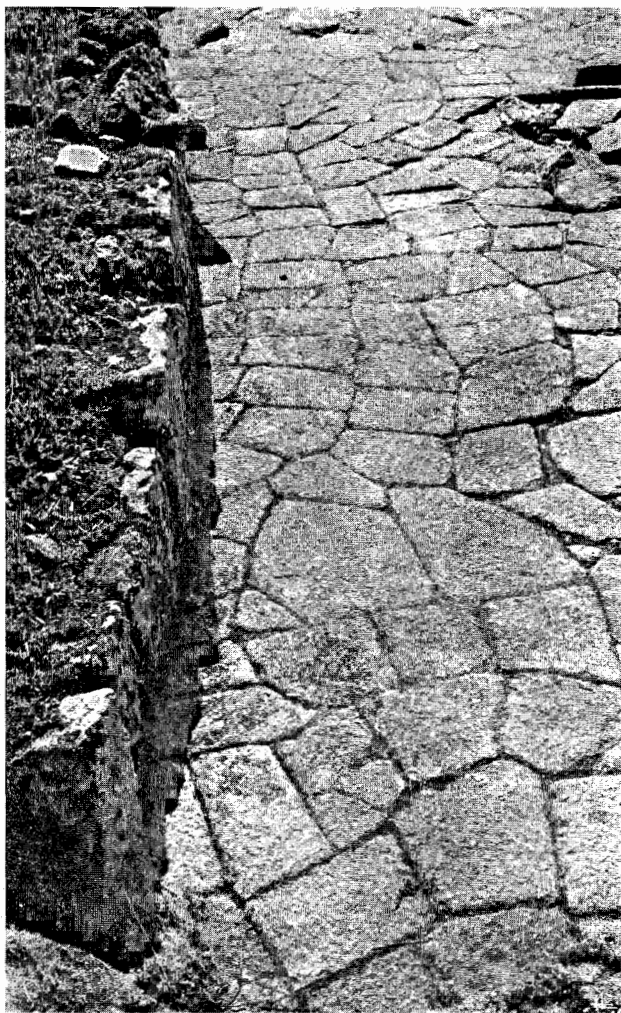


Fig 4—*Uma praça de Sabroso (lado norte) com o lajeado típico do aparelho poligonal, mostrando as pedras com as faces laterais cuidadosamente ajustadas entre si.*

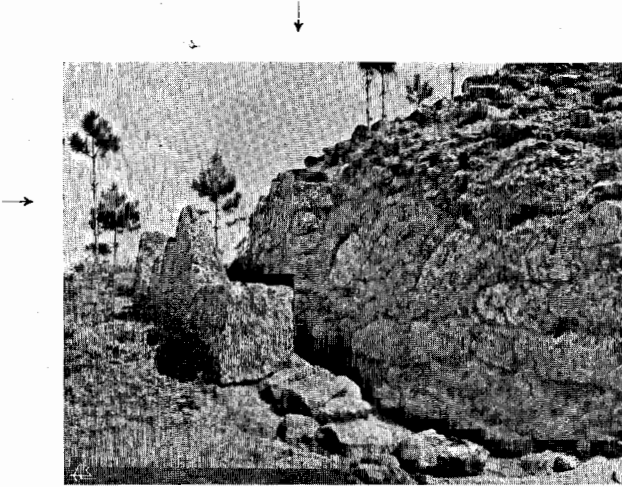


Fig. 5—1, O ângulo saliente da muralha, na convergência das setas, parece marcar o cunhal duma antiga porta, depois tapada. A fiada de pedras frente à muralha seria talvez uma cortina defensiva dessa entrada.

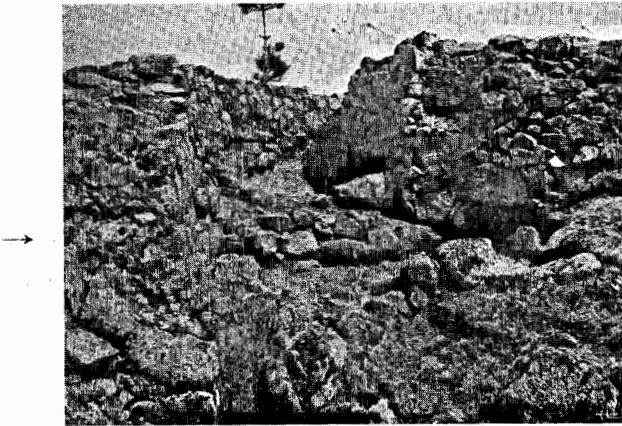


Fig. 5—2, A fiada de pedras posta a descoberto no solo, inteiramente, no sentido da seta, parece marcar uma das paredes laterais da suposta entrada primitiva que existiria na muralha.



Fig. 6 — A brigada inglesa no trabalho.

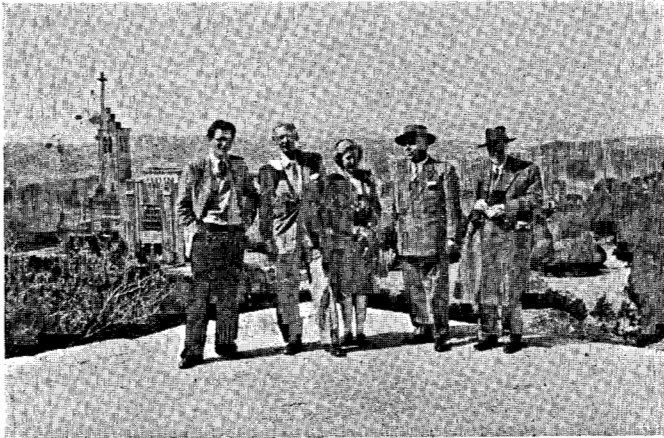


Fig. 7 — Os três componentes da brigada na Penha, no dia da partida, com dois membros da Direcção da Soc. M. S. Da esq. para a direita: Nicolas Hawkes, Prof. Hawkes, Miss Ilid Anthony, Dr. Augusto Cunha, vice-pres. da Soc. M. S. e Alberto Braga, vogal da Soc. M. S.